

# CORPO EDITORIAL

Reitor: Paulo Gabriel Nacif  
Vice-reitor: Silvio Soglia  
Diretor do CAHL: Xavier Vatin

Editores:

Prof. Me. Carlos Ribeiro  
Prof. Dr. Fábio Joly  
Prof. Me. Luiz Fernando Saraiva

Comissão Editorial:

Prof<sup>a</sup> Me. Ana Cristina Audebert (UFRB)  
Prof. Me. Carlos Ribeiro (UFRB)  
Prof. Dr. Fábio Joly (UFRB)  
Prof. Me. Luydy Abraham (UFRB)  
Prof. Me. Luiz Fernando Saraiva (UFRB)  
Prof. Dr. Paulo Miguez (UFRB)

Conselho Científico:

Prof. Dr. Amílcar Baiardi (UFRB)  
Prof. Dr. Fábio Faversani (UFOP)  
Prof. Dr. João Reis (UFBA)  
Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire (UFBA)  
Prof. Dr. Mário Chagas (UNI-RIO e IPHAN)  
Prof. Dr. Othon Jambeiro (UFBA)  
Prof. Dr. Pedro da Silva Castro (UFF)  
Prof. Dr. Rafael de Bivar Marquese (USP)  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruthy Nadia Laniado (UFBA)  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tereza Scheiner (UNI-RIO)

Equipe técnica:

Carlos Ribeiro  
Coordenação editorial

Fábio Duarte Joly e Elsa Filgueiras (Estagiária)  
Revisão e normas bibliográficas

Luiz Fernando Saraiva  
Diagramação

Ney Sá / Arnaldo Maciel  
Diagramação / layout

Adenor Gondim  
Fotos

<http://www.apenasbahia.blogger.com.br>

# EDITORIAL

O Recôncavo da Bahia é um dos berços da nação brasileira. Terra rica em história, cultura e tradições. Herdeiro também de um sistema escravocrata estratificado, desigual e implacável, o Recôncavo está encarando, ao entrar no século XXI, um novo desafio: forjar um olhar objetivo e crítico sobre o seu passado – tarefa que compartilha com boa parte da nação brasileira, porém talvez de forma mais necessária e urgente – e inventar um futuro capaz de compensar e combater a inércia, passada e presente. A criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia é o símbolo da luta de todo um povo em busca de um futuro melhor, tendo para isso superado inúmeras dificuldades. Cabe agora às comunidades acadêmica e científica, aos representantes da sociedade civil e ao povo do Recôncavo construir e fazer desta instituição uma ferramenta de mudança social, integração, desenvolvimento regional e cultura.

O Centro de Artes, Humanidades e Letras nasceu desse espírito de construção, que marca o surgimento e o processo de consolidação acadêmica e institucional da Universidade. É nesse contexto que se insere a iniciativa da criação da revista *Recôncavos*, como experiência de estabelecimento de um canal de divulgação da produção científica da comunidade do Centro, mas também e principalmente como fomentadora do debate entre esta jovem universidade e a totalidade da comunidade acadêmica. Pois no próprio nome da revista que ora apresentamos consta o selo de uma Universidade que procura se voltar para seu entorno sem tornar-se regionalista, traduzindo a pluralidade do Recôncavo e do conhecimento que agora se produz no âmbito acadêmico.

Multiplicidade de temas e enfoques que se pode observar na diversidade de tópicos que figuram suas páginas: cinema, economia, história, estudos culturais, moda e ciências sociais compõem um rico mosaico que se singulariza em um aspecto: no rigor das pesquisas que lhe deram origem. A esse respeito, uma palavra especial deve dirigir-se a Maria de Azevedo Brandão e a Fernando Pedrão, autores externos à UFRB que honraram a revista com suas valiosas contribuições.

Acreditamos que este número inicial da revista *Recôncavos* cumpre a função de pensar de maneira interdisciplinar as experiências variadas de um corpo docente plural, mas irmanado pela idéia de formação coletiva. Se a vocação das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas é a de questionar as suposições dos saberes e os saberes supostos, vemos que o Recôncavo da Bahia é de fato um *território de experiências*, na feliz expressão do Professor Paulo Gabriel, Magnífico Reitor da UFRB e incentivador desta revista. Este primeiro número, como não poderia deixar de ser, traz, então, à guisa de dossiê, várias reflexões sobre a História do Recôncavo da Bahia.

Na seção *Ensaio*, o texto instigante da professora Maria de Azevedo Brandão “Os Vários Recôncavos e seus Riscos” historiciza a região, chamando atenção para a sua importância como definidora de uma cultura baiana que, para muitos materializada na Cidade do Salvador, possui suas raízes profundas no interior do Recôncavo. Também chama a atenção da perda desta mesma importância a partir do desenvolvimento de outras regiões e as possíveis soluções dos “gargalos” desta sociedade a partir do renascimento do turismo e da reorganização de seu território.

O artigo do Professor Fernando Pedrão “Novos e Velhos Elementos da Formação Social do Recôncavo da Bahia de Todos os Santos” amplia e aprofunda este debate, demonstrando como as heranças da escravidão, o declínio das lavouras tradicionais e a falência do modelo de industrialização proposto na década de 70 acabam por redefinir espaços e funções para as cidades do Recôncavo, impondo novos desafios dentro de uma visão renovada da economia. Demonstrando ainda esta multiplicidade social em sua formação, o texto do professor Fabrício Lyrio “A Presença Jesuíta no Recôncavo da Bahia” nos mostra a inserção desta ordem no território, em suas conexões materiais e mentais com a Europa, e o paradoxo de que justamente no momento de sua expulsão a sua presença ficava mais visível.

Sobre as sucessivas presenças que deixaram marcas no espaço do Recôncavo temos, no artigo “Aspectos da ‘Vila de Cachoeira’ no final do século XVIII: Apontamentos e Reflexões”, de Luydy Abraham Fernandes e Ana Cristina Audebert, uma deriva por uma das cidades-ícone da região. Os autores demonstram a permanência, na Cidade da Cachoeira, de uma arquitetura que

encanta a especialistas e o público em geral e nos remete à importância de pensarmos, e não somente preservarmos, o patrimônio de múltiplas matrizes que nos foi legado. Entre essas matrizes está a forte africanidade, em consonância explícita com a identidade que se reconstrói no Recôncavo. A esse respeito, o Professor Anderson Oliva mostra o quanto a imagem da África está distorcida, no texto “O Espelho Africano em Pedços: Diálogos entre as Representações da África no Imaginário Escolar e os Livros Didáticos de História, um estudo de Caso no Recôncavo Baiano”. Seu trabalho combina a arguta observação contemporânea do Ensino da História da África nos bancos escolares com a incômoda percepção histórica daquilo que ainda ignoramos de nossas origens.

Fechando este dossiê está, por fim, o balanço historiográfico erigido por Amílcar Baiardi, Luiz Fernando Saraiva e Rita Almico sobre o processo de modernização e crescimento de indústrias vividas pela Bahia, e particularmente pelo Recôncavo, no século XIX. O artigo “Gênese e Transformação das Empresas Regionais: o Recôncavo Baiano” nos lembra que esta foi uma das maiores regiões industriais da nação recém-fundada no Oitocentos e o quanto de lacunas existem ainda para se estudar, indícios promissores de novas sendas a serem trilhadas.

Se tal espectro de investigações por si só seria motivo suficiente para avaliar a obra, continua a Revista *Recôncavos* no esforço multidisciplinar da reflexão significativa e significante. Brinda-nos a presente publicação com importantes contribuições sobre as identidades construídas em nossa sociedade. A percepção do vestir se reveste de significados despercebidos no artigo da Professora Renata Pitombo, “Jornalismo de Moda: Crítica, Feminilidade e Arte”, que chama atenção para todo o processo simbólico presente em nosso consumo social da *Moda* e da *Feminilidade*. O esforço em tratar do vestir se complementa com aquilo que se veste, ou o *corpo*. A Professora Malu Fontes mostra os usos (e abusos) do que chama de “corpo canônico” da mulher, criado ao longo do século XX e que leva a dois processos distintos, alienantes e excludentes: a *idealização* e a *dissonância*. “Uma Leitura do Culto Contemporâneo ao Corpo” nos mostra como, mais que a própria realidade, é a imagem dessa realidade que nos define e limita. Igual preocupação com a imagem e a recepção desta encontra-se no texto “Mundo do Filme e Mundo do Espectador”, de André França, onde, ao intentar um esforço quase etnográfico sobre o espectador de cinema, encontra parâmetros que definem a experiência e a sociedade que gera e necessita dessa experiência. O texto do Professor Luiz Nova, “Da Cultura como Mercadoria, ao Consumo como Prática Cultural” traz importante contribuição sobre as discussões anteriores, demonstrando como grande parte dessas identidades podem ser reificadas e ressignificadas na estrutura do mercado. Ao final, a revista propõe uma resenha do Professor Fábio Joly sobre o valioso livro do Professor Walter Fraga *Encruzilhadas da Liberdade*.

Mais que um cartão de visitas do Centro de Artes, Humanidades e Letras, a *Recôncavos* procura se tornar palco para contribuições advindas da comunidade acadêmica nacional e internacional, para firmar-se como um periódico de referência no campo da cultura. Pela qualidade das contribuições e pela coragem e empenho de seus editores, não temos por que duvidar do êxito dessa empreitada.

**A Direção do CAHL**

# SUMÁRIO

## ARTIGOS DO DOSSIÊ RECÔNCAVO

Novos e velhos elementos da formação social do Recôncavo da Bahia de Todos os Santos  
*Fernando Pedrão*

Gênese do empresariado do Recôncavo da Bahia  
*Amílcar Baiardi, Luiz, Fernando Saraiva e Rita de Cássia da Silva Almico*

Aspectos da "Vila de Cachoeira" no final do século XVIII: apontamentos e reflexões  
*Henry Luydy Fernandes e Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira*

A presença jesuíta no Recôncavo da Bahia  
*Fabício Lyrio Santos*

O espelho africano em pedaços: diálogos entre as representações da África no imaginário escolar e os livros didáticos de história, um estudo de caso no Recôncavo Baiano  
*Anderson Oliva*

## ARTIGOS

Jornalismo de moda: crítica, feminilidade e arte  
*Renata Pitombo Cidreira*

Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo  
*Maria Lucineide Andrades Fontes*

Da cultura como mercadoria ao consumo como prática cultural  
*Luiz Henrique Sá da Nova*

Mundo do filme e mundo do espectador  
*André Ramos França*

## ENSAIO

Os vários recôncavos e seus riscos  
*Maria de Azevedo Brandão*

## RESENHA

FILHO, Walter Fraga. Encruzilhadas da liberdade. História de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). Campinas: Editora da Unicamp, 2006. ISBN 85-268-0741-2, 368 p.  
*Fábio Duarte Joly*